

**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS – SESA
FACULDADE AMADEUS - FAMA
CURSO DE PEDAGOGIA**

PATRICIA DANTAS DOS SANTOS

**O PAPEL DO PROFESSOR EM RELAÇÃO AOS DESAFIOS COM A INCLUSÃO
DO ALUNO COM TEA NA ESCOLA REGULAR/COMUM**

**Aracaju SE
2018.2**

PATRICIA DANTAS DOS SANTOS

**O PAPEL DO PROFESSOR EM RELAÇÃO AOS DESAFIOS COM A INCLUSÃO
DO ALUNO COM TEA NA ESCOLA REGULAR/COMUM**

**Artigo apresentado a disciplina TCC
do Curso de Pedagogia da Faculdade
Amadeus, para obtenção do grau de
licenciatura plena em Pedagogia.**

**Orientadora: Professora Dra. Maria Auxiliadora
Santos**

**Aracaju SE
Ano 2018.2**

PATRICIA DANTAS DOS SANTOS

**O PAPEL DO PROFESSOR EM RELAÇÃO AOS DESAFIOS COM A INCLUSÃO
DO ALUNO COM TEA NA ESCOLA REGULAR/COMUM**

Artigo apresentado à Sociedade de Ensino Superior Amadeus, como requisito final para obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Coordenador do Curso: Prof. Williams dos Santos

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Auxiliadora dos Santos

Avaliadora: Prof.^a Ana Lúcia Lima

Avaliação Final: _____

Aprovada em: Aracaju ____ / ____ / ____

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por abençoar o meu caminho durante estes 4(quatro) anos, pois sem Ele eu não teria conseguido chegar até aqui. A fé que tenho em ti alimentou meu foco, minha força e minha disciplina. Sou grata por ter me dado força para conseguir vencer desafios e conquistado sonhos.

Agradeço a minha mãe Isleide, que me deu apoio e muito incentivo nas horas difíceis de desânimo e cansaço, e principalmente a meu filho Gabriel, pela paciência e compreensão pelas muitas vezes que ficou o dia todo sem me ver, por causa dos momentos da minha ausência dedicada ao estudo superior.

Aos meus irmãos Edvânio e Edwilson, e a minha cunhada Neide pelo apoio e orientações para concluir meu TCC.

As minhas colegas, que desde o primeiro período na FAMA estamos juntas, um agradecimento infinito. Foram momentos maravilhosos, quando nos reuníamos em minha casa para fazermos nossos trabalhos acadêmicos e que nos ligam por um laço fraternal, até o fim de nossas vidas. Especialmente a minha amiga Adriana, que esteve comigo, compartilhando momentos de alegrias, tristezas, conquistas, medos e vitórias. Não esquecendo de Batista e Cristiane, que não continuaram no curso com a gente. Eu desejo a vocês toda sabedoria e que Deus abençoe o caminho de cada uma.

A minha orientadora Dra. Maria Auxiliadora dos Santos, que me acompanhou neste desafio e colaborou com a conclusão de mais uma etapa de minha vida e pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

O PAPEL DO PROFESSOR EM RELAÇÃO AOS DESAFIOS COM A INCLUSÃO DO ALUNO COM TEA NA ESCOLA REGULAR/COMUM

PATRICIA DANTAS DOS SANTOS

patriciadantas@yahoo.com.br

RESUMO

A proposta desta pesquisa foi refletir a respeito do papel do professor na educação inclusiva, utilizando-se da observação e questionários direcionados às professoras que trabalharam e/ou trabalham com crianças portadoras de TEA, ressaltando algumas leis que contribuíram para garantir o direito de alunos com necessidades educacionais especiais na rede regular de ensino. Teve como objetivo geral analisar os desafios que os professores enfrentam para trabalhar com alunos com TEA na sala de aula. Portanto, a metodologia utilizada foi de pesquisa qualitativa, estudo de caso, realizada em três escolas: 1 estadual e 2 particulares, na cidade de Aracaju/SE. Como instrumento de coleta de dados foram utilizadas a observação e um questionário com professores. Os principais resultados mostram que as professoras atuam no ensino regular sem formação no contexto de educação inclusiva, o que gera dificuldades de atuação junto aos alunos com NEE, no caso, alunos com TEA. Tendo como conclusão os desafios do professor frente ao processo de inclusão e o processo de ensino-aprendizagem do aluno nas três escolas.

Palavras-chave: Educação inclusiva. Necessidades educacionais especiais. O papel do professor.

ABSTRACT

The purpose of this research was to reflect on the role of the teacher in inclusive education, using observation and questionnaires addressed to teachers who worked and / or worked with children with ASD, highlighting some laws that contributed to guarantee the right of students with special educational needs in the regular education network. It aimed to analyze the challenges that teachers face in working with students with ASD in the classroom. Therefore, the methodology used was qualitative research, a case study, carried out in three schools: 1 state and 2 private, in the city of Aracaju / SE. As an instrument of data collection, observation and a questionnaire with teachers were used. The main results show that the teachers work in regular education without training in the context of inclusive education, which generates difficulties of acting together with students with SEN, in this case, students with ASD. Based on the teacher's challenges to the inclusion process and the student's teaching-learning process in the three schools.

Keywords: Inclusive education. Special educational needs. The role of the teacher.

1 INTRODUÇÃO

O presente projeto foi aplicado em forma de pesquisa, com um questionário para professores e alunos de duas escolas, uma Estadual e outra da rede privada de ensino. para poder distinguir se há alguma diferença e como o professor lida com um aluno portador do Transtorno do Espectro Autista (TEA) na sala de aula.

O TEA está cada vez mais presente no mundo em que vivemos, podendo acontecer em qualquer família. Ele é um distúrbio, que engloba diferentes graus, o leve, o moderado e o severo, isso ocorre quando algumas áreas do cérebro não se formam corretamente, o que gera dificuldade de comunicação, de interação social e comportamentos repetitivos e estereotipados.

O professor é o responsável pela interação entre o aluno e todas as pessoas do ambiente escolar, também é a pessoa que passa mais tempo com a criança na escola e que faz “a ponte” sobre os desenvolvimentos com os pais e os terapeutas. Cabe ao professor acompanhar a criança em todos os ambientes da escola, desde a entrada do aluno em sala, nas aulas, e na saída, priorizando sempre o seu desenvolvimento integral.

Nunca tinha trabalhado com um aluno portador do Transtorno do Espectro Autista (TEA), porém quando comecei a estagiar como professora na educação infantil no ano 2015, passei a conviver com duas crianças com o TEA, sendo que cada uma em salas diferentes e professores diferenciados. Mas, como a escola era pequena, então todas as professoras tinham contato com todos os alunos. Porém na sala era uma professora para 21 alunos, sendo um autista e um deles era muito agressivo, e agora em fevereiro de 2018, comecei a estagiar acompanhando um adolescente de 15 anos ‘autista, com uma diferença, este é bastante calmo e não tenho nenhum recurso para trabalhar com ele.

Portanto, a escolha por esse tema surgiu pela dificuldade que a escola comum e seus profissionais apresentam no cotidiano em sala de aula e buscar o conhecimento de como o professor trabalhar com uma criança autista, por não ter recurso para se trabalhar com a inclusão. O planejamento do professor de educação especial não deve ser diferente do professor de classes regulares, pois, num sentido mais amplo, deve atender a todos. É importante que os professores, alunos e famílias se adaptem ao meio que a criança inclusa está inserida, dando a devida importância para tamanha contribuição na vida escolar dessa criança.

Ao analisar essas dificuldades, senti uma grande necessidade de rever conceitos e a formação adequada para os professores, levantando suas dificuldades em sala de aula, tentando viabilizar melhores condições para o seu trabalho e trazendo para o meio escolar um aproveitamento melhor de ambas as partes. Este trabalho é baseado na dificuldade do educador, analisando os desafios que enfrentam os professores diante dos alunos com necessidades educacionais especiais, porque as escolas não oferecem subsídios para se trabalhar com esses alunos e suas dificuldades. É um desafio a todos, principalmente aos profissionais de educação, que têm de fato, que atender com qualidade esse educando, para que os objetivos e o desenvolvimento aconteçam, fazendo com que a sociedade valorize a diversidade humana.

Para o referencial teórico do estudo recorreremos dos pressupostos de alguns pesquisadores que vêm desenvolvendo estudos pertinentes à temática que abordamos, como Marconi e Lakatos (1999); Camargo; Bosa (2009), Mantoan, (2011), Felício (2007), Barros e Lehfeld (2000).

A presente pesquisa teve como objetivo geral, analisar os desafios que os professores enfrentam para trabalhar com alunos portadores do espectro autista. E específicos: identificar o aprendizado e explorar as práticas pedagógicas desenvolvidas pelo professor do ensino regular. A questão de pesquisa foi: Qual o papel do professor frente aos desafios com a inclusão do aluno autista na escola regular/comum?

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, estudo de caso. Foi realizada em três escolas uma do ensino público e duas do ensino particular do município de Aracaju. Os dados foram coletados através de observação e de entrevistas semiestruturadas, realizadas com duas professoras do ensino fundamental maior e uma do ensino fundamental menor.

2 METODOLOGIA

Para realização desta pesquisa foram feitas várias leituras que auxiliaram no desenvolvimento da pesquisa de campo em três escolas (1 estadual e 2 particulares), que trabalham com inclusão, com o intuito de descobrir como lidar com o autista na sala de aula.

Para a coleta de dados foi aplicado um questionário com 15 questões para 3 professores (2 da escola estadual e 1 da escola particular), e 10 questões para 3 alunos que convivem com o autista (2 da escola estadual e 1 da escola particular), com o objetivo de analisar os desafios que os professores e alunos enfrentam para conviver com alunos autistas, identificando as estratégias utilizadas pelos professores para o desenvolvimento de ações pedagógicas em sala de aula.

Através da pesquisa de campo e com as leituras feitas, foi analisado um desenvolvimento de aprendizado para melhor trabalhar com a inclusão de um autista na sala de aula, para que se tenha um bom relacionamento e convivência com tal deficiência.

Junto com o questionário deve-se enviar uma nota ou carta explicando a natureza da pesquisa, sua importância e a necessidade de obter respostas, tentando despertar o interesse do recebedor para que ele preencha e devolva o questionário dentro de um tempo razoável. (MARCONI; LAKATOS, 1999, p. 100).

Os procedimentos do estudo foram apoiados na metodologia do estudo de caso para poder entender de forma desenvolvida a inclusão do aluno autista em duas escolas, uma particular e outra estadual da cidade de Aracaju, Sergipe.

Foi enviado aos participantes da pesquisa um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TLCE), solicitando a autorização e disponibilidade dos participantes da pesquisa, contendo informações claras sobre o que será realizado e o objetivo da pesquisa.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

O transtorno do espectro autista (TEA) é um grupo de distúrbios do desenvolvimento neurológico que compromete o desenvolvimento das habilidades de comunicação e interação social além de comportamentos estereotipados. Dependendo do grau, o comprometimento será variável, em alguns casos, mais leve, como na Síndrome de Asperger. Porém, em outros, o comprometimento cognitivo (intelectual) e o déficit na comunicação e na interação social poderão ser mais acentuados.

Embora definido por estes principais sintomas, o fenótipo dos pacientes com TEA pode variar muito, abrangendo desde indivíduos com deficiência intelectual (DI)

grave e baixo desempenho em habilidades comportamentais adaptativas, até indivíduos com quociente de inteligência (QI) normal, que levam uma vida independente. Estes transtornos também podem apresentar uma série de outras comorbidades, como hiperatividade, distúrbios de sono e gastrintestinais, e epilepsia.

Os primeiros sinais, aparecem entre um e cinco anos de idade, tendo uma possibilidade de pôr volta aos 18 meses ser diagnosticado com este transtorno.

A finalidade desse trabalho foi identificar o aprendizado dos alunos com TEA, explorando as práticas pedagógicas desenvolvidas pelo professor do ensino regular, que atendem em suas salas de aula. Nesses casos a prática de ensino para que a educação das crianças com TEA tenha resultados proveitosos, deve ser um pouco diferenciada.

Segundo Constituição Federal: art. 208, III, “atendimento educacional especializado (AEE) aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”. No entanto a lei de proteção aos autistas – Lei nº 12.764 - 28/12/2012, destaca o direito à educação inclusiva e ao Atendimento Educacional Especializado (AEE) reafirmando o direito à educação em todos os níveis, etapas e modalidades de ensino, em todo o território nacional, bem como, a receber os apoios necessários para o atendimento às necessidades específicas individualizadas.

3.1 Autismo

O autismo também chamado de Transtornos do Espectro Autista (TEA), são transtornos que causam problemas no desenvolvimento da linguagem, nos processos de comunicação, na interação e comportamentos social da criança. Este transtorno pode ser diagnosticado durante o desenvolvimento da criança.

Na maioria das vezes com o passar do tempo, os pais percebem a dificuldade que seus filhos têm na comunicação oral e na expressão verbal, como por exemplo a repetição das palavras ouvidas. O Transtorno do Espectro Autista também está englobado nos Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), que significa distúrbios nas interações sociais recíprocas e que costumam manifestar-se nos primeiros cinco anos de vida, caracterizando também pelos padrões de comunicação estereotipados e repetitivos, isto é, algumas crianças evitam o contato visual mantendo-se isoladas, por isto estabelecem um contato por meio de

comportamentos não-verbais e, em vez de brincar com outras crianças, preferem ater-se a objetos. Ações repetitivas são bastante comuns.

3.2 Sintomas do autismo

Os sintomas do sujeito portador do Espectro Autista variam de acordo com a gravidade do distúrbio, portanto estes portadores têm dificuldade em estabelecer contatos sociais e têm comportamentos repetitivos que são comuns em todos os graus da doença.

As crianças com transtorno do espectro autista desenvolvem sintomas nas seguintes áreas: Comunicação e interações sociais; Comportamento, interesses e atividades, podendo apresentar também comportamento agressivo, repetição de palavras, hiperatividade entre outros.

Os sintomas do TEA variam de leves a graves, existindo uma ampla variação nas pessoas quanto à sua capacidade de agir de forma independente na escola ou na sociedade e em relação à sua necessidade de receber apoio. Além disso, cerca de 20 a 40% das crianças com um TEA, sobretudo aquelas com um QI inferior a 50, desenvolvem convulsões antes da adolescência. Em cerca de 25% das crianças afetadas ocorre uma regressão do desenvolvimento por volta da época do diagnóstico, o que pode ser o indicador inicial de um distúrbio.

Os principais sintomas são: pouco contato visual, não dar continuidade a processos sociais ou conversas, não saber se comunicar por meio de gestos, fala existente, mas sem muito nexos com a realidade a sua volta, algumas manias e repetições, no contato com os outros ele olha mais para a mão ou para o objeto da pessoa do que para seus olhos, dificuldade em aceitar espontaneamente regras e rotinas, pouco disposto a se socializar e tende a se isolar ou *brincar do seu jeito* sem flexibilizar de acordo com o que o amiguinho pede ou quer e pouco responde ao ser chamado pelo seu nome.

3.2.1 Diagnóstico

O diagnóstico é clínico feito através de observação cuidadosa da criança em uma sala de jogos, diretamente do comportamento das evidências de interação e comunicação social. Muitas vezes os pais são os primeiros a notar que seu filho está

mostrando comportamentos incomuns, pois não conseguem fazer contato ocular, não respondem ao seu nome quando são chamados ou brincam com os brinquedos de formas repetitiva e incomum.

Além dos testes padronizados, os médicos devem realizar determinados exames de sangue ou genéticos para detectar distúrbios de saúde tratáveis ou hereditários primários.

3.2.2 Tratamento

As crianças com transtorno do espectro autista têm direito a um tratamento com médicos especialistas, psicólogos, fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais que cuidem dos problemas físicos, da saúde mental e que também tenham preparo para ajudar a família a treinar novos comportamentos.

A terapia da fala e da linguagem deve começar cedo utilizando métodos variados, incluindo sinais, desenhos e fala. Fisioterapeutas e terapeutas ocupacionais planejam e implementam estratégias para ajudar as crianças a compensarem déficits específicos da função motora.

Existe vários métodos específicos para o TEA e um deles chama-se ABA, sigla em inglês que significa “Análise do Comportamento Aplicado”, é a terapia que consiste no ensino intensivo das habilidades necessárias para que o indivíduo diagnosticado com TEA ou transtornos invasivos do desenvolvimento se torne independente. O objetivo principal da terapia ABA é aumentar a percepção que as crianças têm do mundo ao redor, suas interações sociais e sua comunicação. O tratamento baseia-se em anos de pesquisa na área da aprendizagem e é hoje considerado como o mais eficaz.

A terapia ABA é para pais, professores, acompanhantes ou qualquer pessoa que tenha a oportunidade de fazer diferença na vida de uma criança com TEA. Se essas pessoas forem bem treinadas, as crianças serão bem ensinadas. São cinco vezes por semanas, duas horas por dia, em casa mesmo. Em um dos exercícios, a criança tem que reconhecer objetos e formas iguais, aprendendo também a diferença entre os animais.

3.3 A inclusão de crianças com TEA em escolas de ensino regular

O ingresso de alunos com TEA na rede regular de ensino não é tão fácil quanto possa parecer, pois as características do autismo dificultam a elaboração de propostas pedagógicas. A inclusão de aluno no ensino regular, desafia o professor da classe comum por exigir que adapte os recursos de ensino considerados tradicionais e formule estratégias em consonância com as características individuais do aluno autista.

A inclusão de crianças com TEA na sala de aula regular devido à complexidade das características apresentadas no ambiente escolar, gera algumas vezes polêmicas e discussões, desafiando o professor da classe por exigir que adapte os recursos de ensino considerados tradicionais e formule estratégias de acordo com as características individuais do aluno. Tem crianças que pode apresentar comportamentos agressivos com os professores e seus colegas, podendo ocasionar conflitos. Portanto o professor quando recebe uma criança com TEA em sua sala de aula, percebe um desafio com o processo de inclusão, por a criança apresentar grandes dificuldades em interagir e se comunicar com o próximo. Portanto, segundo Felício (2007, p. 25):

“É importante salientar que, para se educar um autista é preciso também promover sua integração social e, neste ponto, a escola é, sem dúvidas, o primeiro passo para que aconteça esta integração, sendo possível por meio dela a aquisição de conceitos importantes para o curso da vida.”

Ao se falar em incluir alunos com TEA no ensino regular, espontaneamente avaliamos as dificuldades de socialização do mesmo, essa inclusão exige uma boa estrutura pedagógica, além de profissionais capacitados para atender a possíveis disparidades decorrentes do comportamento apresentado por essas crianças.

Os pais têm à opção de matricular ou não o seu filho em escolas regulares, por isso, a instituição de ensino deve promover o desenvolvimento e a aprendizagem, onde se disponha uma prática pedagógica coletiva na qual seja esclarecida a importância do envolvimento familiar com a escola, adequando também às necessidades da criança com TEA.

3.4 O papel do professor frente à inclusão de crianças com TEA

Grande parte dos professores das escolas comuns acredita que o ensino escolar individualizado e adaptado é o mais adequado para atender em suas

necessidades escolares, aos que têm dificuldades de aprender e os alunos com deficiência. A inclusão implica uma mudança de paradigma educacional, que gera uma reorganização das práticas escolares: planejamento, formação de turmas, currículo, avaliação e gestão do processo educativo.

Segundo Mantoan, (2011, p.37), “os professores especializados, por sua vez, são de opinião de que o ensino escolar especializado é o ideal para os alunos com deficiência e que só em alguns casos (os problemáticos) poderiam frequentar as salas de aula de ensino regular, nas escolas comuns”.

Considera-se que a capacitação do professor da classe comum com base em conteúdo é insuficiente para que o professor desenvolva práticas pedagógicas inclusivas frente às situações emblemáticas que enfrentará na sala de aula, relativas às especificidades individuais do aluno com deficiência, pois ao receber uma criança com autismo, evidencia-se a impossibilidade de atuarmos sob a lógica da prontidão e dos objetivos e planejamento pré-concebidos, com a organização de espaços e tempos rígidos. Daí a inclusão é desafiadora para o professor do ensino comum insere-se num contexto educacional inclusivo que exige redefinir o seu papel.

4 RESULTADOS E DICUSSÕES

As professoras entrevistadas se apresentaram despreparadas para desenvolver as práticas inclusivas devido à falta de formação específica na área de atuação, de certo que ser professor requer compromisso com a formação continuada, esta é sem sombra de dúvida, relevante para se manter atualizado e acompanhar os avanços na área educacional. Um trecho da resposta de uma das professoras fala: *“O professor é o mediador e, ao mesmo tempo, o maior responsável em sala de aula pela inclusão. Porém, não pode ser o único a buscar alternativas do trabalho de inclusão. Isso é resultado da parceria da Secretaria de Educação, da família e do corpo docente. Ninguém pode trabalhar sozinho”*.

Afirma Vygotsky (1978 *apud* SANTOS, 2013, p.13) que:

O professor deve ter consciência de sua importância como mediador e compreender que cada criança dentro de sala de aula se desenvolve, amadurece e aprende de forma particular, ou seja, atinge expectativas de aprendizagens únicas e que a todo tempo deve ser valorizada e estimulada a atingir níveis cada vez mais elevados.

Considerando ainda os desafios apresentados pelas professoras. Para alguns profissionais da educação, a inclusão é vista de forma negativa, por vezes eles não se sentem preparados para lidar com as necessidades individuais que a criança com autismo apresenta a partir disso pode identificar que a professora sente dificuldades com relação a ter uma criança com autismo em sala de aula, demonstrando que deveria ter um professor voltado apenas para a educação do mesmo.

4.1 Observação

4.1.1 Minha primeira experiência em trabalhar com um aluno com TEA.

No dia 07/02/2018 comecei a estagiar em uma escola do ensino particular, cuidando de um adolescente com TEA. Ele é um menino de 16 anos de idade, muito inteligente e faz suas atividades sozinho.

No início quando cheguei na escola foi um pouco difícil, pois o mesmo não ficava na sala de aula com os outros alunos e sim na sala da coordenação. Quando chegava na sala ficava pouco tempo e depois saia correndo pela escola entrando nas outras salas, atrapalhando as aulas e ao entrar nas salas, começava a mexer em tudo e então os alunos se dispersavam com ele, pois já estava com este hábito.

Foi um processo muito lento para conseguir fazer com que ele não saísse mais da sala correndo, não podia ver um capacete que tirava o acolchoado que protege o queixo e sapato, que tirava a palmilha para poder ficar batendo nas coisas, para ele era uma diversão. Foi então que eu pensei em algumas estratégias para poder segurá-lo na sala, primeiro rezamos juntos, depois faço as atividades com ele, atividades estas que são do 1º ao 3º do Fundamental Menor, porém ele está matriculado no 6º ano do Fundamental Maior. Acabando as atividades o coloco para montar quebra-cabeças ou faço alguns jogos para jogar com ele, conto historinhas, canto músicas. Então, chega a hora do lanche que é sagrada para ele, ao lanchar assiste Galinha Pintadinha, Patati/Patatá e Padre Marcelo Rossi, com isso ele não sai mais correndo.

P. teve duas crises na minha companhia, logo no início quando cheguei, e todas as duas ele se batia muito e foram no momento em que eu estava fazendo

uma atividade com ele, atividade esta que falava na família, então percebi que ele não podia ouvir a palavra pai. Entrei em contato com a mãe dele, relatei o fato sobre a atividade feita e a mesma me informou que o mesmo havia saído de casa e que seu filho era muito ligado ao pai e estava sofrendo muito com a sua ausência.

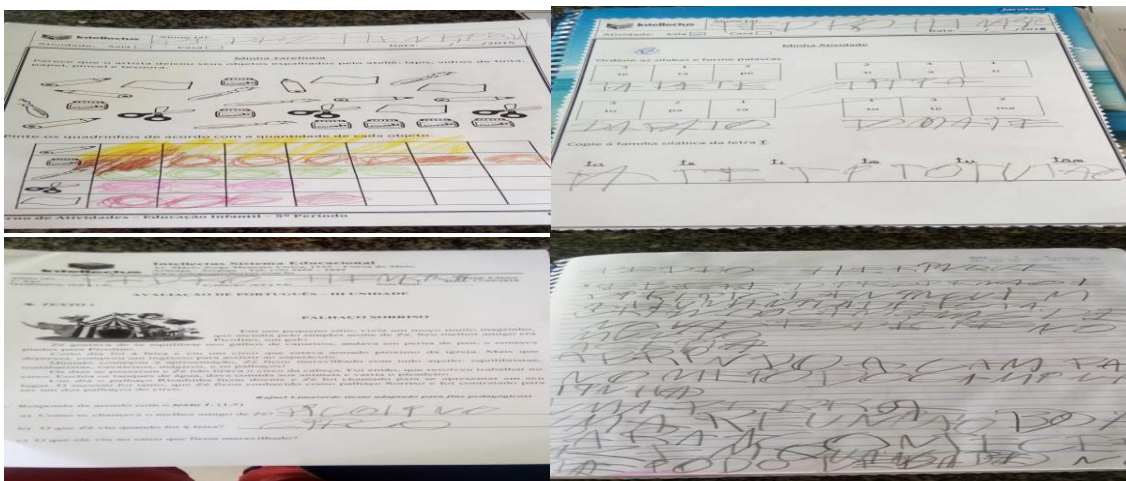
Foram feitas algumas experiências com ele, para ver se não saia mais da sala, então pegávamos algum objeto e pedíamos ao mesmo para ir levar para os professores na sala, ele pegava o objeto e ficava na porta mesmo, com isso o professor ia até a porta para receber. Hoje ele não sai mais correndo, a não ser que esteja um pouco agitado, então quando acontece isto, não vai direto para a sua sala, porém seu irmão o leva.

Então, comecei a fazer um treinamento com ele, para ver se o mesmo conseguia ir até a sala sozinho, sem a companhia do irmão. Falei com o mesmo, que o deixasse na entrada e eu iria ficar escondida em algum lugar, para poder acompanhá-lo. No início deu tudo certo, mas depois ele quis voltar a rotina de antes de ir para as salas, então voltamos tudo ao normal.

P é um menino que não gosta de badalações, portanto quando tem algum evento na escola, ficamos os dois sozinhos lá em cima, porque ele não gosta de participar de nada, a única coisa que ele participa é o karatê e mesmo assim com as crianças de 5 anos. Com base nesta afirmativa, segundo Isalde Alves (2015), uma das principais dificuldades do autista é interagir com os colegas.

As crianças com o TEA, elas passam a maior parte de seu tempo sozinhas, no seu próprio mundo, pois têm dificuldade de interagir com outras crianças.

Foto 1: Atividades feitas por Pedro

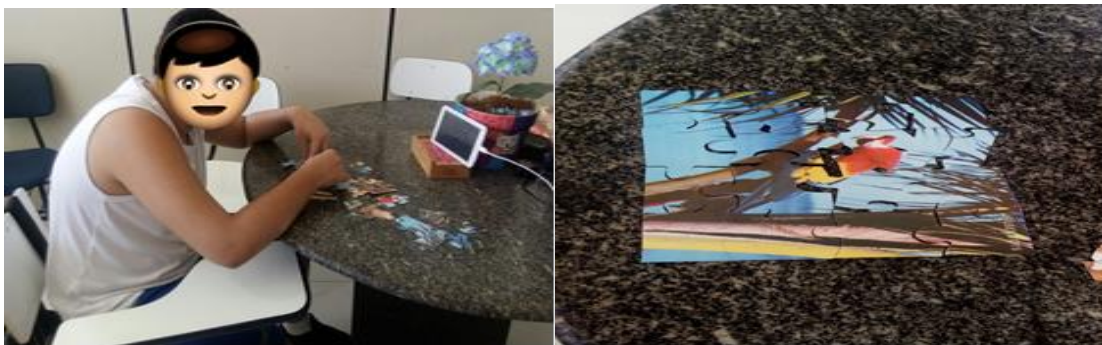


Acervo: Patrícia Dantas

Data:09/10/2018

Como P. não consegue ficar na turma em que ele está matriculado, sendo um aluno que possui o TEA, precisa ser ajudado a adquirir conhecimentos que os outros alunos aprendem naturalmente, por isso a importância da seleção de atividades, como por exemplo atividades do 1º ao 3º ano para o mesmo responder.

Foto 2: Montando quebra cabeça



Acervo: Patrícia Dantas

Data: 11/10/2018

Depois que P. faz as atividades, sempre faço algo diferente com ele, canto músicas, jogo, mais o que ele mais gosta de fazer é montar quebra cabeça e assistir programas infantis e shows com músicas católicas.

4.1.2 Observação na escola particular

No dia 20 de agosto de 2018, fui à Escola do ensino particular Centro Educacional Recanto da Primavera fazer minha observação e percebi que F. é a mesma coisa de P. em relação a não ficar na sala de aula, junto com os outros colegas, ficando na sala de reforço, com uma diferença, o mesmo não sabe ler e nem escrever. Na minha observação percebi que ele é um pouco agressivo, causando medo nas outras crianças.

As professoras me falaram que no início foi muito difícil a aceitação das crianças, não gostavam nem de ficar perto dele, hoje já estão tão acostumados que gostam de brincar com o mesmo.

Foto 3 - Amassando o papel



Acervo: Patrícia Dantas

Data: 20/08/2018

Matriculado no 1º ano do Fundamental Menor, Felipe é uma criança que precisava estar matriculado em escola que tenha recursos para ele poder se desenvolver melhor.

A professora que fica com ele na sala do reforço, sempre lhe dá uma folha em branco para riscar, mas ele risca a folha toda e depois amassa, jogando os papéis no chão. Então a mesma, pede que ele pegue o papel do chão e o ensina a jogar no lixo.

Foto 4 - Brincando



Acervo: Patrícia Dantas

Data: 20/08/2018

As crianças brincando com F, hoje sem medo, pois no início eles não conseguiam nem chegar perto do mesmo, por ser muito agressivo. E elas nunca tinham passado por esta experiência em estudar com um aluno com TEA. Portanto, é muito importante haver um relacionamento em ambas as partes, pois assim buscamos inovações nas práticas sociais voltadas ao tratamento e à educação dessas crianças com TEA.

4.1.3 Observação na escola estadual

No dia 21 de agosto de 2018, fui à Escola Estadual Embaixador Bilac Pinto, fazer minha observação na sala do 7º ano do ensino fundamental maior e ao entrar

na sala percebi que os alunos estavam tranquilos, mas quando R entrou, os colegas começaram a se exaltar. Pois o mesmo fez muito barulho ao entrar, tirando a concentração de todos.

Na hora do intervalo, ele vai junto com os outros para o refeitório, é muito descontraído e desinibido. Vive chamando as meninas de gostosa, então as professoras conversam com ele ensinando-o que em vez de dizer gostosa, dizer bonitas.

Foto 5 - Professora na sala de aula



Acervo: Patrícia Dantas

Data: 21/08/2018

A professora começou a ministrar a sua aula e R. estava conversando sozinho, falando muito alto, atrapalhando a aula. Depois de algum tempo, o mesmo pediu uma folha e uma caneta para a professora, dizendo que queria desenhar. Então a professora pegou o caderno e um lápis dentro da mochila dele e o entregou e o mesmo começou a desenhar, que segundo a professora ele ama desenhar.

4.2 Entrevistas

A pesquisa de campo foi realizada em três escolas, 1 estadual e 2 particulares, sendo que a estadual trabalha com os ensinos Fundamentais Menor e Maior, uma do particular a Educação Infantil e o Fundamental Menor e a outro particular do Infantil ao Fundamental Maior. As três escolas trabalham com a inclusão, porém não possui um especialista em educação especial. Segundo Barros & Lehfeld (2000, p.58).

“Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas junto aos sujeitos, significando um procedimento formal de se obter informações por meio da fala dos atores sociais”.

A entrevista semiestruturada estabelece uma conversa amigável com o entrevistado, procurando erguer dados que possam ser utilizados em análise qualitativa, selecionando-se os aspectos mais relevantes de um problema de pesquisa.

Portanto, para a comprovação da pesquisa, elaborei um questionário, que continha 15 perguntas, preenchido por duas professoras da escola estadual e uma professora da escola particular. Fiz, também um questionário com 10 perguntas, preenchido por dois alunos, colegas do autista, sendo um da escola estadual e um da escola particular.

4.2.1 Os participantes e colaboradores da pesquisa

As professoras da escola estadual são formadas, uma em Pedagogia e Letras Português/Espanhol e a outra em Letras Português e a professora da escola particular é formada em Pedagogia. Porém nenhuma das três participou e nem participa de cursos específicos na área de TEA, bem como não têm pós-graduação na área de Educação Especial ou Educação Inclusiva. Mas sempre estão em busca de novos conhecimentos, para que possam ter suporte para as práticas evidenciadas no contexto escolar para incluir os alunos.

4.2.2. Questionário para as professoras

Pergunta nº1 - Qual a sua formação acadêmica?

Professora A - Sou formada em Pedagogia e Letras Português/Espanhol. (EEBP)
Professora B - Sou formada em Letras Português.
Professora C – Pedagoga

Pergunta nº 2 - Em sua experiência docente, já trabalhou com algum aluno com TEA? Em caso afirmativo poderia fazer um relato resumido disso?

Professora A - Este é o primeiro ano que estou tendo contato com um aluno autista, nunca tive experiência nenhuma com crianças especiais. (EEBP)
Professora B - Tenho 14 anos de docência e é o primeiro ano que trabalho com autista.
Professora C - Sim, vários.

Pergunta nº 3 - Nesta instituição, você recebeu algum tipo de apoio ou preparação para receber esse aluno com TEA em sua sala? (Se recebeu, como foi essa preparação?)

Professora A - Não, nunca recebi nenhuma preparação, inclusive este é um dos maiores desafios que estou tendo neste momento. (EEBP)
Professora B - A única orientação foi uma leitura de um texto de mais de 300 páginas. Nada formalizado e discutido. Orientaram-me a buscar informação por conta própria;
Professora C – Não

Pergunta nº 4 - Você se sente preparado para trabalhar com a inclusão?

Professora A - Não, neste momento eu tenho tentado ter jogo de cintura para saber lidar, não só com o aluno autista como também com os demais alunos e sinto que precisava de um apoio maior. (EEBP)
Professora B - Não me sinto preparada.
Professora C – Sim

Pergunta nº 5 - Como você acha que deve ser a formação para trabalhar com a inclusão?

Professora A - Bom eu acredito que, como todas as escolas hoje em dia, tem casos com crianças com autismo, com síndrome de down ou outras especialidade, elas deveriam oferecer cursos preparatórios para que nós professores tivéssemos pelo menos uma visão geral do que poderíamos fazer e também de preferência que tivesse um cuidador ou uma pessoa especializada para nos guiar neste sentido, principalmente como realizar atividades direcionadas para eles. (EEBP)
--

Professora B - Deve haver uma formação específica para os diversos tipos de necessidades especiais para que o professor inclua "de verdade" o aluno. Matricular e frequentar as aulas não significa incluir necessariamente. Pode acontecer o contrário: a exclusão dentro da própria escola. A Secretaria de Educação apenas se preocupa em efetivar a matrícula, mas não proporciona as ferramentas de inclusão.

Professora C - Ao se formar deveria haver uma especialização para várias áreas, principalmente na área em que trabalhamos, os pedagogos trabalham com vários deficientes

Analisando as respostas das professoras, um dos obstáculos é o despreparo das mesmas, pois percebi que a escola não oferece nenhum curso de capacitação para que elas trabalhem com a inclusão.

Segundo Pietro 2006, p. 57

Considera-se que a formação continuada do professor deve ser um compromisso dos sistemas de ensino comprometidos com qualidade do ensino que, nessa perspectiva, devem assegurar que sejam aptos a elaborar e a implantar novas propostas e práticas de ensino para responder às características de seus alunos, incluindo aquelas evidenciadas pelos alunos com necessidades educacionais.

Pergunta nº 6 - De que maneira a escola disponibiliza recursos/materiais para facilitar a sua prática pedagógica com este aluno?

Professora A - Nós não dispomos de nenhum tipo de material, ele participa das aulas normalmente com os outros alunos, nem sempre interage e nem compreende o conteúdo que está sendo trabalhado. (EEBP)

Professora B - Nenhuma maneira

Professora C - Com alguns jogos que os responsáveis entregam na escola.

De acordo com as respostas das professoras da escola estadual, a escola não oferece recurso nenhum, elas têm que correr atrás para tentar trabalhar com R. Já a da escola particular disse que tem os jogos educativos que os pais deixam no início do ano na escola.

Pergunta nº 7 - Como é a sua relação com este aluno?

Professora A - Muito boa, como se trata de um aluno, bem-humorado, alegre, dificilmente ele tem alguma atitude agressiva, na maioria as vezes ele chega sempre bem simpático e se relaciona muito bem comigo, com os outros professores e os alunos. (EEBP)

Professora B - Minha relação é, ainda, a tentativa de entender como ele lida com as informações da matéria, como ele se comunica com todos, o que chama a atenção dele.

Professora C - Muito boa, quando ele chega tem que sentar no meu colo e me beijar.

Pergunta nº 8 – Qual (s) a(s) dificuldades que você encontrou ao lecionar com este aluno com TEA?

Professora A - A pior dificuldade é justamente incluí-lo, porque se nós pretendermos uma educação inclusiva, ele deveria ter uma atividade onde possa interagir também, na verdade ele fica na sala de aula, em alguns momentos a gente solicita a participação dele, perguntamos coisas. Às vezes eu realizo alguma atividade com ele dentro do conteúdo que estou trabalhando, mas eu sei que poderia ser bem melhor se tivéssemos este preparo.

Professora B - Dificuldade de avaliá-lo. Sinceramente não sei que atividades posso dar para ele fazer. Já dei papel e lápis pra ele escrever para diagnosticar a livre escolha dele.

Professora C - A maior dificuldade é que a maioria não sabe nem pegar no lápis, muita dificuldade na coordenação.

Pergunta nº 9 - Teve alguma mudança em sua prática pedagógica a partir da experiência com este aluno?

Professora A - Cada situação nova nos faz parar e repensar nossa prática. Faz com que a gente busque para realizar nosso trabalho e acima de tudo melhorar e atender de melhor forma possível todo eles. Nesse momento eu sinto que estou necessitando me especializar nesta área, porque a cada dia que passa a clientela nos exige um preparo maior.

Professora B - A única mudança foi me preocupar com a inclusão dele: o que fazer? Esse ainda é o passo da sensibilização. Planejo ler material de orientação

pedagógica para que haja inclusão em minhas aulas.

Professora C - Sim, brincamos bastante, conversamos e a maioria das atividades são através das dinâmicas.

Pergunta nº 10 - Como você identifica que este aluno se desenvolveu em suas aulas?

Professora A – Os colegas o acolheram tão bem, que o mesmo interage, conversa, não só com os alunos como também com os professores, por isto acho muito interessante a questão da socialização. E sobre o cognitivo, ele não tem se desenvolvido muito.

Professora B - No início ele era mais calado. Depois que dei abertura para ele falar, a timidez foi embora. Quando ele se exalta demais tento aconselhá-lo que não é o momento para algo que seja inoportuno. Sempre pergunto algo para ele para que participe de alguma forma. Em resumo: menos inibido para falar.

Professora C - Através das atividades, das ações, no caso do meu que é autista da fala. Só identifico quando vejo que ele está interagindo.

Pergunta nº 11 - Como foi a recepção dos colegas com a chegada desse aluno em sua sala de aula?

Professora A - A princípio lidar com o novo é muito difícil, não só para nós professores, mais também para os alunos. Eu percebi que eles ficaram tentando perceber o que o colega tinha de diferente e alguns sempre com a tentativa de bullying, porque Renato tinha uma coisa de gritar na sala de aula, falar algumas palavras obscenas de vez em quando e as crianças riam fazendo aquela algazarra, tirando todo o foco da aula, mais depois de alguns trabalhos feitos e muitas conversas, hoje ele interage muito bem com todos os colegas.

Professora B - De rejeição, falta de respeito, preconceito.

Professora C - Ruim, tiveram muito medo, pois ele gritava muito.

Pergunta nº 12 - Em sua observação diária, houve algum episódio de hostilidade ou rejeição deste aluno autista com os colegas de sua sala de aula?

Professora A - Eu já presenciei alguns episódios de alguém tocar nele e ele devolver com agressão ou de chegar muito irritado na sala de aula. A mãe deixá-lo

na porta e ele não querer ficar e ter que ficar de qualquer maneira, então com isto, chutou o armário e uma colega. Neste dia ele estava muito agitado, então foi uma pessoa aqui da escola, junto com a coordenadora, foram conversar com ele e logo se acalmou, em seguida a mãe veio pegá-lo. Nos dias em que ele está bem, passamos as tardes muito tranquilamente, mais já tivemos situações bem complicadas.

Professora B - Nunca percebi ele hostil. Porém, meu contato é apenas de um dia por semana.

Professora C - Não, porque conversamos muito com eles, explicando que ele era menino especial e hoje todos o tratam como uma criança normal.

Pergunta nº 13 - Como você avalia a interação no cotidiano escolar desse aluno autista com os colegas de turma?

Professora A - De um modo geral podemos dizer que há uma boa relação, tanto que os colegas o respeitam e ele também já aprendeu a ter certos limites, eu sinto que melhorou bastante a questão da convivência.

Professora B - Percebo que ele quer brincar, conversar com os colegas. Infelizmente não vejo esse mesmo interesse dos colegas do autista. O tempo todo é de incentivo.

Professora C - Muito boa, sempre o observando, pois não fala e os colegas as vezes ficam assustados com os gritos.

Geralmente as crianças com TEA não gostam de se interagir com os outros, sempre ficam no cantinho (no seu mundinho), porém estes dois alunos se interagem com os outros. Sendo que no início das aulas houve um pouco de discriminação.

Pergunta nº 14 - Para você, qual o papel do professor diante da inclusão escolar na escola comum ou regular?

Professora A - É o mais importante de todos, porque afinal somos nós que passamos a tarde toda com ele, a forma como a professora vai conduzir não só com ele, mais com os colegas, como também a utilização dele com os conteúdos e toda a prática de ensino aprendizagem conduzido pelo professor. Então por isto acho importante que haja preparação para nós professores.

Professora B - O professor é o mediador e, ao mesmo tempo, o maior

responsável em sala de aula pela inclusão. Porém, não pode ser o único a buscar alternativas do trabalho de inclusão. Isso é resultado da parceria da Secretaria de Educação, da família e do corpo docente. Ninguém pode trabalhar sozinho.

Professora C - Conscientizar os coleguinhas para não haver rejeição, explicando que ele é uma criança igual a todos.

Pergunta nº 15 - Qual a principal lição que a experiência com este aluno autista trouxe para a sua vida?

Professora A - Que o professor tem que estar sempre buscando inovar e pesquisar para melhorar a nossa prática a cada dia, não só para o ensino regular, mais principalmente para estes alunos que precisam de uma atenção especial. Eu sinto que a cada dia que buscamos, vencemos nossos desafios, através de estudos e pesquisas, nós não só ganhamos como profissional, mais como pessoa também.

Professora B - A maior lição é ver que o autista é um ser humano com limitações que devem ser respeitadas. Eu é que tenho que perceber essas limitações e não o autista que tem que se esforçar para me acompanhar. O olhar para o autista tem que ser um amor dobrado.

Não conheço os tipos de autismo, mas sei que autistas têm também um tipo de inteligência. O desafio é sair da nossa zona de conforto e descobrir as inteligências que o autista tem. Meu primeiro pensamento é: há inteligência nele. A diferença é que ele não se comporta igual a todos, mas que também quer ser amado e respeitado.

Professora C - Muito amor e afeto. Sou apaixonada por meu aluno.

De acordo com as respostas que obtive, percebi que as professoras não têm experiência e nem uma formação apropriada para lidar com a inclusão de um aluno autista e demonstraram que ter pouco conhecimento sobre o assunto abordado, é óbvio que cada um dentro do seu conceito com uma formação diferente, mas todas voltadas para trabalhar na área designada. A ideia era realmente trazer a dificuldade que o professor encontra ou encontrou em trabalhar com alunos especiais dentro da sala de aula comum por que a inclusão não é só do aluno com deficiência e sim da sala como um todo, e como adaptar o planejamento para que esse aluno tenha o

mesmo conteúdo que os outros alunos, através dessa pesquisa de campo que fica mais claro que não há teoria sem prática e nem tampouco prática sem teoria.

4.2.3 Questionário para os alunos, colegas dos autistas

PERGUNTA Nº 1 – Você já estudou com algum aluno com TEA alguma vez?

RESPOSTAS:

Aluno A – Não, é a primeira vez.

Aluno B - Não, esta é a minha primeira vez.

Aluno C – Não, estou estudando agora.

PERGUNTA Nº 2 - Como é a sua relação com este colega?

RESPOSTAS:

Aluno A – Eu não falo muito com ele, no início o ano eu até que ficava do lado dele, mas depois que voltou as aulas, não fico mais.

Aluno B – Não é tanta, porque ele não é muito de se entrosar. As vezes fala alguma coisa e meus colegas acabam rindo dele.

Aluno C – Muito boa

PERGUNTA Nº 3 – Qual (is) a(s) dificuldades que você encontrou ao estudar com este aluno?

RESPOSTAS:

Aluno A – A maior dificuldade é porque ele não presta atenção nas aulas, então de vez em quando atrapalha um pouco, por ele ficar conversando sozinho e em voz alta.

Aluno B - Nenhuma, eu já me acostumei com ele.

Aluno C – Ele é muito agressivo.

PERGUNTA Nº 4 – Teve alguma mudança na metodologia do ensino dos professores com a chegada deste aluno?

RESPOSTAS:

Aluno A – Não, continuou a mesma coisa.

Aluno B - Não

Aluno C – Não houve mudança nenhuma, como ele não ficava na sala dele mesmo e sim na de reforço. A professora só dobrou a atenção com ele.

PERGUNTA Nº 5 - Teve alguma mudança na sala de aula de sua parte e de seus colegas, com a chegada deste aluno?

RESPOSTAS:

Aluno A – Era mais tranquilo, mas quando ele chegou começou a estimular a falta de educação dos outros alunos.

Aluno B – Não, é como ele já fosse um estudante como todos os outros, nunca teve nenhuma mudança em relação a ele.

Aluno C – Sim, a sala ficou muito “barulhenta”.

PERGUNTA Nº 6 - Como foi a sua recepção e a dos seus colegas com a chegada desse aluno na sala de aula?

RESPOSTAS:

Aluno A – A minha e a de Felipe foi normal, mas teve alguns colegas que o receberam muito mal.

Aluno B – Alguns não ligaram, outros ficam rindo do que ele fala e alguns até riem pelo fato dele ser um autista.

Aluno C – Todo mundo ficou com medo, por ele ser muito agressivo.

PERGUNTA Nº 7 - Houve algum episódio de hostilidade ou rejeição deste aluno com os seus colegas de sala ou até com você mesmo (a)?

RESPOSTAS:

Aluno A – Sim, no início meus colegas mangavam muito dele, mas hoje já se acostumaram.

Aluno B – Não, é mais fácil a pessoa rir dele do que rejeitar, porque ele fala algumas coisas que não deve.

Aluno C – Não, ficamos com um pouco de medo, mais depois nos acostumamos.

PERGUNTA Nº 8 - Como você avalia a interação no cotidiano escolar desse aluno com você e seus colegas de turma?

RESPOSTAS:

Aluno A - Boa

Aluno B – Temos que respeitá-lo e aos poucos ir ajudando, por ele ser autista é um ser humano normal, ele não tem culpa de ser autista.

Aluno C – Bem.

PERGUNTA Nº 9 - Para você, qual o papel do professor diante da inclusão escolar na escola comum ou regular?

RESPOSTAS:

Aluno A – Tratar ele como qualquer outro, afinal ele também é um ser humano.

Aluno B – Orientar ele quando fizer alguma coisa errada e dizer que não pode.

Aluno C – Tratar com cuidado e atenção.

PERGUNTA Nº 10 - Qual a principal lição que a experiência de estudar com um aluno com TEA trouxe para a sua vida?

RESPOSTAS:

Aluno A – Que devemos respeitar mais os outros

Aluno B – Que nós devemos respeitar as pessoas independente do que são.

Aluno C – Tem que ter respeito com os autistas, pois são seres humanos iguais a todos.

De acordo com Camargo e Bosa (2009):

Proporcionar às crianças com autismo oportunidades de conviver com outras da mesma faixa etária de idade e com desenvolvimento típico no ensino comum, possibilita o estímulo às suas capacidades na medida em que terão um modelo e interação mais adequado ao contexto social.

Para as crianças está sendo uma experiência muito boa em ter um colega com TEA na turma, pois eles estão aprendendo que a pessoa com qualquer tipo de deficiência, é igual a qualquer outra pessoa.

5 CONCLUSÃO

O presente trabalho foi identificar os desafios do professor frente ao processo de inclusão e o processo de ensino-aprendizagem de um (a) aluno (a) autista em duas escolas, particular e estadual de Aracaju SE, a partir de entrevista semiestruturada, com a finalidade de qualificar as práticas pedagógicas desenvolvidas na sala de aula regular, frente ao processo de inclusão do aluno com

autismo e investigar as metodologias utilizadas pelos professores no processo de ensino e aprendizagem das crianças com deficiência no âmbito educacional.

Os principais resultados mostram que as professoras atuam no ensino regular sem formação no contexto de educação inclusiva, o que gera dificuldades de atuação junto aos alunos com NEE, no caso, alunos autistas. Há também de se considerar a inexistência de planejamento específico para atender às necessidades educacionais especiais do aluno. Acrescenta-se a isso a falta de tempo e a escassez de recursos materiais, uma vez que a escola onde acontece a inclusão é totalmente desprovida dos aspectos infra estruturais para receber o aluno. Por sua vez, os profissionais de educação da escola não estão preparados ou mesmo motivados a atender alunos autistas em suas salas. Por fim, como uma flecha para agravar os poucos recursos e a família, por seu turno, não apresenta atitudes colaborativas para fomentar a interação da criança no ambiente escolar.

Em busca de um bom trabalho para o desenvolvimento da criança, o professor deve observar seus interesses, dificuldades e habilidades, para efetivar a inclusão e o desenvolvimento acadêmico.

As professoras propõem as mesmas atividades para a turma, visando a inclusão dos alunos com autismo no ambiente escolar, mas ao realizar uma atividade diferente está “quebrando” o conceito de inclusão, afirmando que o princípio fundamental da inclusão é aquele que respeita a igualdade de direitos, assegurando a educação escolar para todos.

É importante que o professor pesquise informações sobre as dificuldades que a criança com autismo apresenta, fazendo assim, a diferença na vida dessas crianças, não somente do seu aluno com autismo, mas em todos alunos.

Oferecer a todos os autistas uma única proposta educacional torna-se um desrespeito à individualidade destes. Pois são as características do indivíduo que determinam a intensidade e diversidade de intervenções pedagógicas que necessitam para o desenvolvimento de seu processo educacional. Diante disto, percebe-se a urgente necessidade de inovação e adequação do sistema educacional quanto a adaptação de currículos, formação de professores, a fim de atender peculiaridades dos alunos com TEA.

A pesquisa de campo mostrou a realidade em que as escolas não oferecem subsídios para a capacitação dos professores que trabalham com a inclusão. Muitos professores correm atrás de cursos para se capacitarem, para atender melhor seus

alunos, pois trabalham com essas crianças por amor. No entanto, percebi que nas duas escolas não tem recursos para as professoras trabalharem com a inclusão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, A. J. S. e LEHFELD, N. A. S. **Fundamentos de Metodologia: Um Guia para a Iniciação Científica**. 2 Ed. São Paulo: Makron Books, 2000

FELICIO, V. C. **O autismo e o professor: um saber que pode ajudar**. Bauru, 2007.

CAMARGO, S. P. H.; BOSA, C. A. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 65-74, 2009.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér (organizadora). **O desafio das dificuldades nas escolas**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

PRIETO, Rosângela Gavioli. Atendimento escolar de alunos com necessidades educacionais: um olhar sobre as políticas públicas de educação no Brasil. In: ARANTES, V. A. (Org.). **Inclusão escolar: pontos e contrapontos**. São Paulo: Ed. Summus, 2006. p. 31 – 74.

SILVA, Marcelo Oliveira Da. **Educação Inclusiva: Um Estudo De Caso Em Uma Escola De Educação Infantil De Porto Alegre**, 2016 Pg. 32

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1978. 2ª ed.

REFERÊNCIAS DIGITAIS

CLEIN, Cláudia Lisandra. **As crenças do professor na relação com seu aluno com autismo: Um estudo e caso**, 2011. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/33457/000787596.pdf?sequence=1>>. Acesso em 20 de agosto de 2018.

BRASIL. **Lei Nº 12.764**, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3o do art. 98 da Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília: Casa Civil. 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm> Acesso em 20 de agosto de 2018.

SILVA, Isailde Alves dos Santos. **O papel do professor frente aos desafios da inclusão de aluno autista**. BRASÍLIA. 2015 Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/15752/6/2015_IsaildeAlvesDosSantosSilva_tcc.pdf> Acesso em 20 de agosto de 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de compromisso

Termo de compromisso

Eu, Patrícia Dantas dos Santos, aluna do 8º período do curso de Pedagogia da Faculdade Amadeus, realizarei entrevistas semiestruturadas com duas professoras das escolas Escola Estadual Embaixador Bilac Pinto e Centro Educacional Recanto da Primavera. O objetivo deste estudo é conhecer a visão dos professores sobre os impactos da implementação do novo modelo de ensino na instituição.

Estou consciente de que os depoimentos coletados nas entrevistas serão usados exclusivamente como material empírico para o TCC (Trabalho de Conclusão

de Curso), podendo vir a ser utilizados em trabalhos acadêmicos decorrentes da mesma.

Será resguardado o anonimato dos participantes da pesquisa, usando-se pseudônimos para referir-se a eles na redação do (s) texto (s) relativos a pesquisa.

Aracaju, _____ de _____ de 2018

Patricia Dantas dos Santos

Professora Orientadora Dr^a Maria Auxiliadora Santos

APÊNDICE B – Termo de consentimento (escola).

Termo de Consentimento

Eu, _____, Diretora do Centro Educacional Recanto da Primavera consinto na realização de um trabalho de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), sobre a educação inclusiva na referida instituição pela aluna do curso de Pedagogia da Faculdade Amadeus Patrícia Dantas dos Santos.

Estou ciente de que os dados coletados nesse trabalho serão usados como material de discussão para o TCC, podendo vir a ser utilizados em trabalhos acadêmicos decorrentes da mesma.

Aracaju, _____ de _____ 2018

APÊNDICE C – Termo de aprovação das entrevistas

Termo de Aprovação

Eu, _____, professor (a) do Centro Educacional Recanto da Primavera, li e concordo com a entrevista semiestruturada realizada comigo pela aluna do curso de Pedagogia da Faculdade Amadeus Patrícia Dantas dos Santos.

Estou ciente de que os dados coletados nessas entrevistas serão como material e discussão para o TCC, podendo vir a ser utilizados em trabalhos acadêmicos decorrentes da mesma.

Aracaju, _____ de _____ de 2018

APÊNDICE D – Termo de consentimento (escola).

Termo de Consentimento

Eu, _____, Coordenadora Geral da Escola Estadual Embaixador Bilac Pinto consinto na realização de um trabalho de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), sobre a educação inclusiva na referida instituição pela aluna do curso de Pedagogia da Faculdade Amadeus Patrícia Dantas dos Santos.

Estou ciente de que os dados coletados nesse trabalho serão usados como material de discussão para o TCC, podendo vir a ser utilizados em trabalhos acadêmicos decorrentes da mesma.

Aracaju, _____ de _____ 2018

APÊNDICE E – Termo de aprovação das entrevistas

Termo de Aprovação

Eu, _____, professor
(a) da Escola Estadual Embaixador Bilac Pinto, li e concordo com a entrevista
semiestruturada realizada comigo pela aluna do curso de Pedagogia da Faculdade
Amadeus Patrícia Dantas dos Santos.

Estou ciente de que os dados coletados nessas entrevistas serão como material e discussão para o TCC, podendo vir a ser utilizados em trabalhos acadêmicos decorrentes da mesma.

Aracaju, _____ de _____ de 2018

TERMO DE RESPONSABILIDADE DE PLÁGIO

Eu, _____,
acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Amadeus/FAMA,
orientada pela Prof. (a) _____ e Dr. (a) _____,
declaro para os devidos fins
que o Trabalho de Conclusão de Curso:

_____, atende às normas técnicas e científicas exigidas na elaboração de textos e ao Regulamento para Elaboração do TCC da referida Instituição.

As citações e paráfrases dos autores estão indicadas e apresentam a origem e ideia do autor (a) com as respectivas obras e anos de publicação.

O Código Penal em vigor, no Título que trata dos Crimes Contra a Propriedade Intelectual, dispõe sobre o crime de violação de direito autoral – artigo 184 – que traz o seguinte teor: Violar direito autoral: Pena – detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, ou multa. E os seus parágrafos 1º e 2º, consignam, respectivamente:

A § 1º Se a violação consistir em reprodução, por qualquer meio, com intuito de lucro, de obra intelectual, no todo ou em parte, sem autorização expressa do autor ou de quem o represente, (...): Pena – reclusão, de 1 (um) a 4 (quatro) anos, e multa, (...).

§ 2º Na mesma pena do parágrafo anterior incorre quem vende, expõe à venda, aluga, introduz no País, adquire oculta, empresta troca ou tem em depósito, com intuito de lucro, original ou cópia de obra intelectual, (...), produzidos ou reproduzidos com violação de direito autoral (Lei n.º 9.610, de 19.02.98, que altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais, publicada no D.O.U. de 20.02.98, Seção I, pág. 3).

Declaro, ainda, minha inteira responsabilidade sobre o texto apresentado no Trabalho de Conclusão de Curso.

Aracaju SE, ____/ ____/ _____.

Assinatura da aluna concluinte

S237p SANTOS, Patrícia Dantas

O papel do professor em relação aos desafios com a
Inclusão do aluno com TEA na escola regular / comum /
Patrícia
Dantas Santos. – Aracaju, 2018.

37f.

Orientador: Prof.^a Dra. Maria Auxiliadora Santos.
Artigo (Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia) –
Faculdade Fama, 2018.

1. Pedagogia 2. Educação inclusiva
I – SANTOS, Maria Auxiliadora (orient.) II - Título